
Resenha

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2023.v29.40657>

Mercadorias entre a Europa Central e o Atlântico

Commodities between Central Europe and the Atlantic

Mercancías entre la Europa Central y el Atlántico

Elisa Michabelles Dourado*

<https://orcid.org/0009-0005-2717-1672>

Resenha do livro: Wimpler, Jutta e Weber, Klaus, org. *Globalized Peripheries. Central Europe and the Atlantic World, 1680-1850*. Woodbridge: Boydell Press, 2020, 285 p.

Como citar esta resenha:

Dourado, Elisa Michabelles. “Resenha do livro *Globalized Peripheries. Central Europe and the Atlantic World, 1680-1850*, de Jutta Wimpler e Klaus Weber, org.”. *Locus: Revista de História*, 29, n. 1 (2023): 240-245.

Por uma história do Atlântico que extrapole a de seus litorais. O apelo do historiador norte-americano Peter Coclanis no artigo que publicou na coletânea *Atlantic History: a Critical Appraisal* (Coclanis 2009, 350), foi levado a sério pelos autores de *Globalized Peripheries: Central Europe and the Atlantic World, 1680-1850* [*Periferias globalizadas: Europa Central e o Mundo Atlântico 1680-1850*] (Wimpler, Weber 2020). Publicado em 2020, o livro explora os vínculos entre as chamadas “hinterlândias” da Europa Central, os espaços afastados dos grandes centros coloniais, e o ultramar. A obra preenche uma lacuna na historiografia atlântica e global, que até pouco tempo atrás se voltava às relações políticas entre metrópoles e colônias, principalmente às histórias dos impérios britânico, espanhol e francês. Por isso, deveria merecer a atenção dos historiadores brasileiros.

* Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: elisamd@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2717-1672>

A coletânea é fruto de quatro anos de investigação financiada pela Fundação Alemã de Pesquisa (*Deutsche Forschungsgemeinschaft*) entre 2015 e 2018 e integra uma tendência da historiografia mundial de priorizar conexões entre espaços distantes. Pesquisadores alemães, holandeses, suíços, dinamarqueses e suecos têm se engajado em destrinchar a história colonial de seus países – e as consequências vivas desse passado apagado.¹

Dividido em 11 capítulos de diferentes autorias, *Globalized Peripheries* é amarrado por um mote nada modesto: o de inserir regiões menosprezadas pela historiografia na grande narrativa do nascimento do mundo moderno. E constata: mercadorias, agentes e técnicas oriundas da Europa Central e Oriental tiveram papel constitutivo na economia atlântica desde o seu surgimento. As categorias “Europa Oriental” e “Europa Central” não têm limites geográficos claros. Para os autores do livro, a região a ser resgatada do esquecimento abrange os territórios de fala alemã, não só aqueles reunidos pelo Sacro Império Romano-Germânico, até as províncias europeias do Império Russo. São as regiões a leste do rio Elba, mas também o Reino da Polônia, os territórios do Báltico, o oeste da Rússia e a Escandinávia (Wimmler e Weber, 5).

Cada capítulo procurou compreender a imbricação entre uma região da Europa Central e o Atlântico por diferentes pontos de partida. Dentre as abordagens escolhidas (geopolítica, comerciantes, mercadorias, migração, finanças), destacam-se as que priorizaram o método da cadeia da mercadoria como fio condutor da investigação. É o caso dos textos sobre os panos da Silésia e da Vestfália. A primeira é uma região histórica hoje localizada entre a Alemanha, Polônia e a República Tcheca. Já a Vestfália compreende o espaço entre os rios Reno e Weser, no oeste da atual Alemanha. Ambas as regiões produziam a planta fibrosa do linho, matéria-prima do tecido de mesmo nome. Abundante na paisagem da cultura material do período moderno, a mercadoria foi essencial para o comércio global. A autora Anka Steffen escolheu os tecidos de linho produzidos por camponeses subjugados pela servidão na Silésia para traçar a relação entre interior do continente e o Atlântico. Por volta de 1700, quando mais gente escravizada começou a embarcar pelos portos ocidentais da África, o linho da Silésia era uma mercadoria aceita como moeda de troca. O tecido constava no carregamento de navios de traficantes privados e no de grandes companhias monopolistas, como a Companhia Real Africana (Royal African Company - RAC). A autora analisou os livros de despesa da RAC e percebeu que a queda do preço dos tecidos no início do século XVIII levou a um aumento expressivo da mercadoria nos navios ingleses. Para ela, a intensificação da servidão e da protoindustrialização na Silésia pode estar por trás do barateamento

¹ No caso da Alemanha, o marco desse movimento foi o ano de 2016, com o lançamento do livro *Slavery Hinterland: Transatlantic Slavery and Continental Europe, 1680-1850* [*Hinterlândia Escravista: Escravidão Transatlântica e a Europa Continental, 1680-1850*], editado pelos historiadores Felix Brahm e Eve Rosenhaft (Rosenhaft, Brahm 2016) que abriu caminho para publicações da mesma linha.

dos preços do tecido e coincidiu com o aumento do volume do tráfico transatlântico de escravos no mesmo período (Steffen, 55). A autora ainda investigou os diferentes usos do tecido de linho e os motivos de sua popularidade, percorrendo todo o arco entre os momentos produção – comércio – consumo.

Na outra direção, a Europa Central foi um mercado importante para as commodities atlânticas. Açúcar, corantes, chocolate, tabaco, especiarias, arroz e café adentraram o continente e contribuíram para mudanças no padrão de consumo de todos os estratos sociais. O porto de Hamburgo foi um canal de distribuição de bens coloniais e de exportação de mercadorias das hinterlândias. O capítulo de Torsten dos Santos Arnold se baseou nos registros do Almirantado de Hamburgo e é dedicado aos importadores de açúcar do porto hanseático entre 1733-1798. Para o autor, os comerciantes tiraram proveito das mudanças geopolíticas no Atlântico, principalmente após a Guerra dos Sete Anos (1756-1763).

Além do açúcar, outras mercadorias coloniais fizeram seu caminho através de diferentes portos, como o de Estetino, na atual Polônia, adquirido da Suécia em 1720 pelo monarca prussiano Frederico I. O porto é a paisagem central do quarto capítulo, escrito pela pesquisadora alemã Jutta Wimpler. A partir dos registros de taxas do estreito de Öresund, entre a Dinamarca e a Suécia, a autora investigou quais “produtos das *plantations*” eram consumidos no reino da Prússia. O destaque vai para o arroz e os corantes. Para Wimpler, o aumento da importação do grão em Estetino está indiscutivelmente ligado ao aumento da sua produção na Carolina do Sul, nos Estados Unidos, a partir de 1730 (Wimpler 2020, 76). O volume de arroz importado no remoto porto pulou de 300 para 1000 toneladas entre 1762 e 1766, e alimentou a população mais pobre. Já os corantes eram muito requisitados pelas manufaturas reais para uniformes militares e para vestir a nobreza. Nosso pau-brasil, o índigo, o pau-campeche e a cochonilha da América Central coloriram o estoque do armazém real de manufatura têxtil da Prússia. A autora também escolheu olhar para os itens comumente deixados de lado na história das mercadorias globais, como o gengibre. Da Ásia, a produção da especiaria foi parar na Jamaica, que chegou a exportar 1000 toneladas por ano na década de 1740. O porto de Estetino recebia os carregamentos de gengibre e pimenta principalmente através de Londres, Hamburgo, Amsterdã e Bordeaux. Somente em 1754 o porto recebeu mais de 15.000 quilos da especiaria (Wimpler 2020, 75).

Os outros capítulos acessam a relação por outros ângulos. O primeiro capítulo, escrito por Bernhard Struck, propõe inserir o tratado de divisão entre a Polônia e a Lituânia e o acréscimo territorial da Prússia em suas dimensões atlânticas ao enxergá-los como consequência indireta das notícias sobre a Guerra dos Sete Anos (1756-1763) e as crises climáticas no Caribe. Seguem-se textos centrados nas mercadorias: depois dos de Anka Steffen (linho) e Jutta Wimpler (açúcar,

arroz, especiarias, corantes), há um capítulo dedicado ao comércio russo do ruibarbo. Para a autora Friederike Gerhmann, o aumento da exportação do ruibarbo pode ser visto como resposta à competição do comércio de peles da América do Norte, até então principal item exportado da Rússia. Ao capítulo de Torsten dos Santos Arnold sobre os importadores de açúcar em Hamburgo se segue um capítulo de Klemens Kaps centrado em outro porto relevante, o de Trieste. Os comerciantes alemães são tematizados nos capítulos seguintes: Anne Sophie Overkamp estudou os mercadores têxteis do vale do Wupper e suas estratégias de entrada no comércio atlântico, Margrit Schulte-Beerbühl analisou a vida de comerciantes alemães baseados em Londres. A migração é tratada de maneira mais geral por Josef Köstlbauer, que seguiu a rede da irmandade dos Morávios no Atlântico, e por Alexandra Gittermann, que procurou as pistas dos imigrantes alemães nas colônias norte-americanas. O capítulo de David K. Thomson fecha o livro abordando a esfera financeira.

Chama a atenção o fato de todos os textos terem o mesmo interlocutor oculto: o sociólogo norte-americano Immanuel Wallerstein. Já no prefácio, os editores afirmam que querem ultrapassar, olhar além, “*beyond Wallerstein*” (Wimmler e Weber 2020, 7). O propósito é “demonstrar a partir de constatações empíricas que a historiografia atlântica criou uma imagem enganosa de uma divisão entre ‘centros’ e ‘periferias’ que deveria ser posta em questão” (Wimmler e Weber, 4, tradução livre). E, por isso, a escolha do título, que não deixa de ser uma alusão provocativa ao pensador de *O Sistema-Mundo Moderno*. Todos os capítulos batem no mesmo ponto, somente variando a região: não se pode dizer que a Prússia era periférica ou semiperiférica. É preciso entender a ascensão da Prússia em suas dimensões globais. Como enquadrar os comerciantes alemães em Londres? Como pode a Rússia ser arena externa do sistema mundial, se exportava ruibarbo para o centro? Pelo porto Habsburgo e Trieste entravam matérias primas e saíam produtos finalizados, logo, faz sentido classificá-los como periféricos, e não centrais? Como pode a Silésia, tão longe, mas tão importante produtora de mercadorias para o tráfico, ser vista como região periférica?

Vale perguntar se os autores confundem o conceito de “periferia” com o de “desimportância”. A divisão espacial desenhada pelo sociólogo nunca teve pretensão de juízo de valor. É uma ferramenta para a compreensão das relações de poder e dos canais de acumulação de capital dentro de um sistema que não pode ser analisado somente em suas partes. O potencial inovador do horizonte teórico está no deslocamento do foco da análise para a relação entre as partes de um todo. Peguemos o exemplo da Silésia: a constatação da sua relevância como produtora de tecidos para os mercados atlânticos leva a autora Anka Steffen a concluir que “a província era dificilmente uma longínqua periferia do mundo atlântico” (Steffen 2020, 56). Mas, no fim das

contas, onde residiam os intermediários que levavam o tecido para os principais portos atlânticos? E onde atuavam aqueles que lucravam com o comércio negreiro? Onde ficavam as bolsas de valores que influenciavam os preços dos insumos? E o que dizer do trabalho, tendencialmente coercitivo, na Silésia?

Immanuel Wallerstein pode não ter detalhado o mapa da sua divisão periferia – semiperiferia – centro. Mas não podemos esquecer para que serve esse desenho. Não se trata de classificação taxonômica, e sim de abordagem poderosa para entendermos as relações de poder no mundo ao longo do tempo. A briga pela sua forma externa não pode desqualificar o seu propósito. A autora brasileira Emilia Viotti uma vez protestou: quando o poder está em todo lugar, ele não está mais em lugar nenhum (Da Costa, 1994). Hoje, mais do que nunca, é preciso aliar dois movimentos aparentemente contraditórios, o de complexificar e o de simplificar. É preciso complexificar um quadro geral com pesquisa empírica e levantamento de dados. Mas também simplificar – e isso é muito importante – para não perdermos a clareza sobre os processos históricos que desembocaram em um mundo profundamente desigual.

O livro tem muito mais méritos do que defeitos e deveria ser lido com atenção. Seu maior crédito é, sem dúvida, o de expandir as fronteiras da História Atlântica. No entanto, os autores correm o risco conhecido de exagerar a importância conferida aos seus objetos e às suas regiões de análise. No posfácio do livro, o pesquisador sueco Göran Ryden advertiu: uma vez constatadas as ligações entre o que chamou de “regiões esquecidas” e o Mundo Atlântico, é preciso deixar bem claro quais são as implicações desta afirmação (Ryden, p. 228). Achados empíricos evidenciam que regiões tradicionalmente deixadas de lado na historiografia atlântica, como as regiões de fala alemã, o Báltico e a Escandinávia realmente estiveram conectados à economia do Atlântico na Época Moderna. Mas é preciso ir além da constatação. O livro *Globalized Peripheries* tentou dar o passo adiante, porém pisou em falso quando se agarrou no mote de ir “além de Wallerstein”. Enquanto a comunidade acadêmica considerar o enquadramento de Wallerstein um modelo fechado, gastará muita tinta tentando se contrapor a uma caricatura de seus conceitos básicos e não reconhecerá o enorme potencial do seu modo de enxergar as ciências humanas.

Referências bibliográficas:

- Coclanis, Peter. Beyond Atlantic History, em: Greene, Jack, Morgan, Philip. *Atlantic History, a Critical Appraisal*, Oxford University Press, 2009, p. 350.
- Da Costa, Emilia Viotti. A dialética invertida: 1960-1990. Em: *Revista Brasileira de História*, 1994.
- Forum, Globalizing Early Modern German History, *German History*, Volume 31, Issue 3, 1 2013, p. 366–382.
-

Rapahel-Hernandez, Heike, Wiegink, Pia. *German entanglements in transatlantic slavery: an introduction*, Atlantic Studies, 14:4, 2017, pp. 419-435.

Rosenhaft, Eve e Brahm, Felix. *Slavery Hinterland. Transatlantic Slavery and Continental Europe, 1680-1850*, Woodbridge, Suffolk, UK; Rochester, NY, USA. Boydell and Brewer, 2016.

Wimmler, Jutta e Weber, Klaus, org. *Globalized Peripheries. Central Europe and the Atlantic World, 1680-1850*. Woodbridge: Boydell Press, 2020, 285 p.

Recebida: 08 de março de 2023

Aprovada: 12 de abril de 2023